

# APRESENTAÇÃO – CRIAÇÕES E VIDAS MULTIESPÉCIES EM TEMPOS DE CATÁSTROFES – PARTE II

## INTRODUCTION TO THE DOSSIER MULTISPECIES CREATIONS AND LIVES AMID CATASTROPHIC TIMES – PART II

**Susana Oliveira Dias**  
**UNICAMP**  
**Tiago Amaral Sales**  
**UFU**

Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive, muitas vezes, é o próprio apesar de que nos empurra para a frente.

Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, 2019.

Habitar o tempo das catástrofes é, tantas vezes, seguir “apesar de”. Clarice Lispector, em sua célebre obra *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, nos inspira a pensar não apenas no que conseguimos fazer “apesar de”, mas como que esses “apesares” também são força propulsora para seguirmos em vida e movimento. “Migrações, explosões de desigualdades e Novo Regime Climático: trata-se da mesma ameaça” (Latour, 2020, p. 19). Inundações no sul de Minas Gerais, guerras no oriente médio, mineradoras avançando sobre territórios originários, feminicídios... São muitas as situações gritantes que nos entristecem e são capazes, inclusive, de frear qualquer capacidade de imaginar um mundo – ou outros mundos – para além de tamanha dor.

Com este dossiê desejamos e acreditamos que é possível experimentar modos inusitados e diferentes da lógica mobilizada pelo sistema colonial capitalístico (Rolnik, 2018) que suga a nossa energia vital e destrói a possibilidade de existir em afetos alegres. Apesar de,

seguimos. Apesar de, permanecemos vivos e em movimento. Apesar de, insistimos em criar, em nos organizar, em multiplicar coletivos, em florescer parentescos raros. Apesar de, escrevemos, contamos histórias, fabulamos, ficcionalizamos. Assim, apesar das catástrofes, dos eventos extremos, das mudanças climáticas, continuamos buscando e cocriando saídas para, como diz Haraway, “[...] moldar futuros multiespécies mais vigorosos” (Haraway, 2021, p. 42).

Assim, abrimos a segunda parte do dossiê CRIAÇÕES E VIDAS MULTIESPÉCIES EM TEMPOS DE CATÁSTROFES na *Revista Arteriais* (UFPA) com treze trabalhos, sobre os quais compartilhamos brevemente uma pequena apresentação nos parágrafos seguintes para convocar leitores e leitoras ao encontro com estas produções.

Iniciamos o dossiê com o texto PERFORMATIVIDADE NO ESPETÁCULO MUKUIU, de autoria de Carmem Pricila Virgolino Teixeira, que “descreve alguns dos

procedimentos realizados para a construção de uma dramaturgia expandida, composta por diversas camadas-coreográficas, musicais, visuais, etnográficas” que permitem acessar vivências de Capoeira Angola e Candomblé Angola que se relacionam com o espetáculo. Seguido por TINHA UMA PEDRA NA ENTRADA DO FORMIGUEIRO: COMO LIDAR COM O PROBLEMA?, em que as autoras Fabiola Simões Rodrigues Fonseca e Daniela Franco Carvalho apresentam uma cartografia de oficinas feitas para aprender a falar com formigas “que nos colocam diante da necessidade de novos modos e possibilidades de pensar esse cenário marcado por uma crise socioambiental sem precedentes”.

O artigo COSMOPOLÍTICA COM MARIA: UM CONVITE À VIDA MULTIESPÉCIE, À INCOMPLETUDE, À FRICÇÃO E AO PARENTESCO, de autoria de Emanuely Miranda, “busca escapar da centralidade e excepcionalidade humana a fim de ativar uma narrativa e um modo de viver junto que leve em conta e, sobretudo, leve a sério a dimensão cósmica e coletiva de nossas existências” a partir da convivência da autora com Maria, sua gata companheira. Já em AGUAPÉ: AÇÃO PERFORMATIVA NO ANTROPOCENO, de autoria de Wellington Silva Saraiva, é apresentado um trabalho que busca compreender a relação humano-planta-água e “objetiva promover uma aliança entre as práticas artísticas e as demandas urgentes de nosso tempo, no caso, as perturbações danosas no planeta causadas pelo homem” ao despertar “a consciência ecoperformativa, uma prática como pesquisa revelando um trabalho comprometido com o bem-estar do planeta”.

O trabalho PERFORMANCE EM CATÁSTROFE AMAZÔNIDA: INSURGÊNCIA MULTIESPÉCIE EM TERRITÓRIO PARAENSE, de autoria de Karina Mateus da Silva e José Raphael Brito dos Santos, a partir de uma pesquisa-criação, “se insere no campo das Artes da Cena Amazônida e tem o objetivo de investigar a performance *Aparição Vomitada* como gesto ativista que tensiona as narrativas de progresso – garimpo como trabalho – na cidade de Itaituba (PA)”. Logo depois vem CINEMA,

DESASTRE, NOMADISMO: FICÇÃO CLIMÁTICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EXPANDIDA, de autoria de Gabriel Cid de Garcia, que adentra nas “noções de desastre e nomadismo para situar como o cinema e a ficção impulsionam novas formas de perceber e habitar um mundo em ruínas”.

Em FICÇÕES MIRIÁPODES EM TEMPOS DE CIBORGUES, de autoria de Luiza Dantas Benttenmüller Amorim e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, trafega-se “entre as ficções e fabulações especulativas de Donna Haraway, Ursula Le Guin e Vinciane Despret para questionarmos os modos de existência que se impõem como hegemônicos e imaginarmos outras possibilidades de vida no Antropoceno”. Em seguida vem o trabalho FICUS OU FIAR-COM FIGUEIRAS, de autoria de Daniela Cassinelli, que consiste em um “ensaio [que] busca investigar poeticamente as implicações teórico-afetivas de um trabalho artístico denominado *Ficus*, que consiste, em linhas gerais, em tessituras com figueiras localizadas em diferentes lugares do Rio de Janeiro”.

DEVIR-CORPO-AMBIENTE: O CORPO ENTREMEADO NAS RELAÇÕES MULTIESPÉCIE DA EXPRESSIVIDADE ARTÍSTICA, de autoria de Adalberto Ferdnando Inocêncio, é um artigo que “considera o corpo sob atravessamentos discursivos que o situam para além de exclusivamente biológico, mas, também, discursivo, utilizando, como aporte teórico de alguns conceitos foucaultianos”, percorrendo e pensando com as obras de Uýra Sodoma e Rodrigo Braga, artistas manauaras; do grupo sergipano de performance urbana *Inflamáveis*; e da artista cubana Ana Mendieta. Já o trabalho EDUCAÇÃO GEOPOÉTICA: UM CONVITE AO IMPREVISÍVEL, AO POÉTICO E À CRIAÇÃO COM A TERRA EM TEMPOS DE CRISE, de autoria de Danieli Barbosa de Araujo, “propõe uma reflexão sobre a geopoética como perspectiva educativa e sensível, capaz de cultivar vínculos entre humanos e mais-que-humanos em tempos de ruptura”.

Em O BRINCAR COMO POÉTICA DE MUNDO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEATRO, de autoria de

Luiz Eduardo Gasperin e Lissa Reis da Silva, são tecidas, em formato epistolar, “reflexões a partir da experiência de uma docente em formação no contexto de um estágio supervisionado em teatro, realizado em uma instituição de acolhimento de crianças em situação de afastamento familiar”. Nele, o “brincar emerge como prática central e potente – não apenas como expressão da infância, mas como linguagem capaz de recriar mundos, especialmente em tempos marcados por catástrofes sociais e afetivas”.

O ensaio PAISAGENS E TERRITÓRIOS DO ESPERANÇAR DEVIRES PÓS-HUMANOS E A FOTOGRAFIA IN-GAME NO JOGO STRAY, de autoria de Antonio Carlos Queiroz Filho, “propõe pensar-sentir a coexistência multiespécie e os vestígios do pós-humano no jogo *Stray* (BlueTwelve Studio, 2022), ao nos colocar na pele de um gato de rua que, por acidente, inicia uma jornada de fuga do submundo à superfície”. E, por fim, o ensaio visual NO FUNDO DOS RIOS OU ONDE NASCEM TODAS AS COISAS, de autoria de Mauricio Igor Almeida, apresenta pinturas que “partem de pesquisa sobre a presença negra na Amazônia e a constituição afro-indígena da região, percebendo como as culturas se relacionam hoje por meio de diferentes perspectivas, cujo encontro se inicia no mundo espiritual, depois chega ao terreno”.

Percebemos, então, uma série de trabalhos mobilizados em diferentes formatos e que percorrem uma variedade de temáticas para pensar as artes e vidas multiespécies na tarefa de cocriar mundos em tempos de desastres.

Desejamos, enfim, um encontro com tais publicações que afete e inspire outras criações possíveis. Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** – cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

*Susana Oliveira Dias* é pesquisadora (PqA) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É líder do grupo de pesquisa *multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações* (CNPq). É editora da *Revista ClimaCom* e coordena a *Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas*. Realizou mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp e pós-doutorado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA). Orcid: <<https://orcid.org/0000-0001-5814-7847>>. Email: [susana@unicamp.br](mailto:susana@unicamp.br)

*Tiago Amaral Sales* é professor assistente nos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, onde também é professor permanente nos programas de pós-graduação em Educação e Educação Básica. Realizou pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural na Unicamp, é doutor e mestre em Educação pela UFU, licenciado em Pedagogia pela UNESA e em Ciências Biológicas pela UFU. Lidera o *habitar: grupo de estudos e pesquisas em educação, ciência e vida* e integra a *Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas*. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>>. E-mail: [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com)